

JAZZ

19 MAIO 2016

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

The Heat Death

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturigest



Saxofone tenor e clarinete Kjetil Møster Saxofone alto e flauta Martin Küchen Trombone Mats Aleklint
Contrabaixo Ola Høyer Bateria Dag Erik Knedal Andersen

Qui 19 de maio
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Contra a morte da termodinâmica

The Heat Death. Podia ser o nome de uma banda de metal, dada a sua alusão *destroyer* à teoria científica de que o universo deixará de produzir suficiente energia termodinâmica para que possa sustentar algum tipo de vida, mas não é. E ainda que não seja, caracteriza imediatamente um tipo de urgência muito semelhante ao dessa área do rock. Começamos a ouvir e logo somos remetidos para algo de tão, ou mais, explosivo do que um disco dos Meshuggah, dos Celtic Frost ou dos Napalm Death: o des-norteante *Ascension* de John Coltrane, editado em 1966 e desde então motivo de polémica. Na altura, a revista *Downbeat* publicou na mesma edição, sobre o lançamento, duas críticas, uma entusiástica, com 5 estrelas, e a outra extremamente negativa, com 0. Muito provavelmente, se *Ascension* fosse lançado hoje, 50 anos volvidos, a reação da crítica seria a mesma, dividindo-se. É um disco que ou se adora, ou se odeia, e o mesmo pode acontecer com este quinteto formado pelo contrabaixista Ola Høyer com Kjetil Møster, Martin Küchen, Mats Aleklint e Dag Erik Knedal Andersen.

Ou talvez não, porque do meio da música do grupo livremente improvisada, mas tintada de jazz, algo de inesperado acaba por emergir: pulsações e melodias de África, umas da costa ocidental, outras do Sul. O que parece caótico e barulhento, apesar do posicionamento estático da dupla rítmica, organiza-se, justificando o porquê das síncopes fixas que se ouvem por detrás do desvario dos saxofones, do clari-

nete, da flauta, do trombone. E já todos sabemos o que a música africana nos provoca: pés a bater metronomicamente e um súbito assomo de alegria. Se bem que, nesse momento, compreendamos que aquele balanço não vem apenas do continente-mãe. Diz Ola que os *beats* repetitivos derivam, também, de uma influência do *krautrock* e de formações como Neu! e Can. Ou seja, há rock em The Heat Death, se bem que não propriamente metal. No caldo musical escandinavo, tudo se remete.

E se ouvimos Can nesta banda, a tal erupção de África faz-nos lembrar uma *big band* de características muito particulares que congregou músicos sul-africanos e ingleses, a Chris McGregor's Brotherhood of Breath. Não aconteceu de propósito, mas por inevitabilidade. Ola Høyer: «As nossas referências africanas são mais subconscientes do que intencionais. Nunca tive a intenção de incluir esse fator na nossa expressão, foi espontaneamente que surgiu. Ouvi a Brotherhood of Breath numa digressão pelo Reino Unido com Alan Wilkinson. *The Bride* estava a rodar no leitor de CDs de um dos locais onde íamos tocar. Foi uma importante descoberta para mim e senti uma ligação muito próxima com aquela mistura de improvisadores como Evan Parker, Alan Skidmore e Mike Osborne e da nata dos exilados do jazz da África do Sul, designadamente Louis Moholo, Dudu Pukwana e Harry Miller. A música era livre e não tinha limites, mas também soava forte e cheia de alma.»

A adesão àquela fórmula só podia ser imediata e profunda. Sobretudo para

quem, como o líder deste grupo, tinha visitado a Gâmbia e o Senegal na companhia de Møster, um dos saxofonistas, a fim de estudarem a tradição local. «A maneira de pensar o tempo e a pulsação transformou completamente a forma como eu entendia esses parâmetros. E é claro que ouvimos as coisas obrigatórias que se fizeram por aqueles lados, gravadas por Fela Kuti e Tony Allen», explica o músico. Ora, algo que já se percebeu na cena jazz do Norte da Europa, e pelo menos desde que, em 1969, a orquestra Cadentia Nova Danica lançou com John Tchicai o álbum *Afrodisiaca*, é um gosto especial pelas sonoridades africanas. Não é raro utilizarem-nas e fazem-no bem, como se pode ouvir na produção discográfica de Küchen, outro dos sopradores de The Heat Death. O motivo: «Bom, o jazz criativo dos nossos países foi muito influenciado pelo *free jazz* americano dos anos 1960 e 70, que tinha uma forte orientação pan-africanista. Foi graças aos grandes John Coltrane, Don Cherry, Archie Shepp e Pharoah Sanders que descobrimos África.»

Mas assim como surge, de surpresa, essa alusão direta a África desaparece mais adiante das tramas, regressando-se a um ambiente *Ascension* de solos simultâneos e cruzados. «É natural. Esse foi um dos discos que tinha na ideia quando convidei Kjetil Møster, Martin Küchen e Mats Aleklint para o grupo», confirma-nos Høyer. O fator rock é que nunca se eclipsa, ainda que não transparecendo como tal no contexto acústico em que as construções musicais se vão formando: «Para mim,

um fator extremamente importante da música, e das artes em geral, é a energia, e eu inspiro-me na energia do rock. Jimi Hendrix Experience, The Stooges, Spacemen 3, Big Black e Glenn Branca são audições constantes que eu faço e têm tudo a ver com a forma como toco contrabaixo.» Nesse aspeto, Ola tem novamente em Møster um cúmplice: este colabora regularmente com os príncipes do atual psicadelismo rock, os noruegueses Motorpsycho, ou convida os seus elementos para os seus próprios projetos.

Estas transversalidades entre linguagens e estéticas tornaram-se correntes a Norte: «Todos nós temos intervenções em várias frentes. Interessamo-nos por muitas músicas, tocamos-las ou inspiramo-nos nelas quando é outro o vocabulário dominante. Aliás, é isso que caracteriza a presente cena do jazz criativo na Escandinávia. E todos nós, igualmente, desenvolvemos trabalho tanto no jazz como na improvisação experimental. Quando arrancámos com este trabalho pusemo-nos logo a tocar livremente, sem quaisquer estruturas ou formas planeadas e sem sequer discutirmos isso de avanço. Só recentemente começámos a admitir a possibilidade de, no futuro, incluirmos composições. Nem por isso se poderá vir a dizer que ligamos *free jazz* e livre-improvisação. A nossa abordagem passa mais por abrimos o improviso ao formato jazz», conta.

Para essa direção aponta o cada vez maior acréscimo de bases dançantes na música de The Heat Death. «Tem sido muito divertido, ultimamente,

tocar mais com o tempo e desenvolver *grooves* com o contrabaixo e a bateria», ficamos a saber. Será isso o que distingue esta trupe de outras em que encontramos alguns dos mesmos participantes, como Akode, Cortex, Saka ou Angles 9. O comentário de Ola Høyer: «O que tenho a dizer sobre isso é que, pela minha parte, é fundamental poder tocar diferentes estilos e géneros. Claro que há bastantes semelhanças entre estas bandas, mas as abordagens são distintas.» É bom que assim seja, para que a energia emanada da música nos salve da morte da termodinâmica...

Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Kjetil Møster saxofone tenor e clarinete

Membro de bandas como The Core, Ultralyd e Zanussi 5, o norueguês Kjetil Møster é um claro produto do tipo de ensino ministrado pelo Conservatório de Trondheim, o que quer dizer que os seus saxofones e clarinetes têm neles toda a história do jazz, mas também gramáticas e vocabulários de outras músicas. Entre elas está o rock, género que abraça quando inserido no grupo de rock eletrónico Datarock e de que aproveita elementos para os seus Møster.

Martin Küchen saxofone alto e flauta

Com a sua atividade dividida entre a música livremente improvisada, território em que ganhou nome como um inventor de novas técnicas e sonoridades para os saxofones, e o jazz composto e encenado (ou seja, com uma assumida componente teatral), o sueco Martin Küchen tem conquistado o mundo à frente de formações como Trespass Trio, Angles 9 e All Included. Todos eles conciliam a vibração expressiva da liberdade improvisacional com o rigor da escrita, esta denotando tanto influências clássicas como da música africana.

Mats Aleklint trombone

Também originário da Suécia, o trombonista Mats Aleklint traz consigo a fama e o proveito de ser o mais completo praticante do seu instrumento desde

Roswell Rudd. Dirige o seu próprio combo, o Mats Aleklint Kvartett, e além de integrar os Angles e os All Included de Küchen faz-se ouvir numa miríade de grupos pequenos e alargados, desde o Alberto Pinton Quintet à Trondheim Jazz Orchestra, com passagens por LED, Blacknuss e The Thing XXL. O seu zero e o seu infinito são o jazz, sempre.

Ola Høyer contrabaixo

Se mantém uma atitude *low profile*, dispensando por exemplo uma página própria de apresentação na Internet, Ola Høyer é, no entanto, um dos mais importantes contrabaixistas da Noruega e como tal vem sendo continuamente requisitado pelos seus pares. Integra os grupos Cortex, Saka, Friends & Neighbors, All Included e AKODE, em todos eles impondo um pilar referencial sólido, mesmo quando a pulsação é pouco óbvia. Como não podia deixar de ser, fez os seus estudos em Trondheim.

Dag Erik Knedal Andersen bateria

Também envolvido nos projetos Saka e AKODE, o norueguês Dag Erik Knedal Andersen é um dos mais hiperativos – no sentido de que parece ter mais do que dois braços e duas pernas – bateristas da cena escandinava, com a crítica internacional a assinalar a sua atitude *take no prisoners*. É um estudioso da improvisação, tendo tirado um mestrado sobre o tema na Academia Estatal de Música da Noruega.

Próximo espetáculo

Sur les traces de Dinozord

de Faustin Linyekula
No âmbito do Alcantara Festival
e da bienal Artista na Cidade

Teatro Qua 1, qui 2 de junho
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M12



© Agathe Poupeney

Reflexão coreográfica sobre a situação no Congo. “Que é feito dos vossos sonhos no Congo devastado pela guerra?” perguntou às pessoas, usando as respostas como material para esta obra.

Próximo espetáculo de música

Trio de Gonçalo Marques + Jacob Sacks

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa

Jazz Qua 13 de julho
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Lars Jönsson

Trio com provas dadas ao longo de 10 anos, aqui reforçado com o versátil pianista nova-iorquino. Presa a simplicidade, o despojamento, um ambiente de quietude.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagárias:

Nádia Gomes

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caisotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt